

## ANEXO 13A – Protocolo da Entrevista à Tânia (Mãe do Mateus)

### FASE 1 – TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA – E5

Duração da entrevista: 1h 15 minutos

E<sup>1</sup> - Este estudo incide sobre... a qualidade de vida. Em crianças com necessidades educativas especiais... o que é o bem-estar? Ou o que é que a escola pode trazer para melhorar a qualidade de vida das crianças... o que é que sente, neste caso, do Mateus?

T<sup>2</sup> - Portanto, de que forma é que a escola pode contribuir para o bem-estar? Olhe, por exemplo, é assim, o Mateus é um miúdo especial, no sentido de, ter realmente essa necessidade de apoio continuado. Percebe? Eu estou em casa, noto que ele requer a minha presença constante, para todo o tipo de atividades. É um miúdo que se eu o colocar um trabalho qualquer ele manifesta muita insegurança e precisa sempre de mim e do meu apoio. Percebe? Por exemplo, basta eu estar a pintar um boneco, por exemplo, ele escolhe a cor, mas tem de perguntar “oh mãe, está bem? É assim? Gostas?” Percebe? É assim, é um miúdo que não tem muita segurança nesse aspeto e então, noto que em relação aos outros dois filhos que tenho, é sempre preciso este apoio extra, para que ele se sinta bem, para que se sinta confortável com a atividade que ele está a realizar, porque ele sozinho, não sei se é por falta de autonomia, acho que é em parte, mas mais pela insegurança, mais pela insegurança, sinto isso. Eu, por exemplo, posso lhe colocar os lápis para ele pintar e ele mesmo assim, eu digo assim “olha Mateus, o chapéu vamos pintar amarelo, a t-shirt vamos pintar de verde, e mesmo que lhe faça os tracinhos, em cada uma das partes, ele tem sempre necessidade que eu esteja por perto, e portanto esse é um problema que neste momento, me preocupa, porque na escola, cada vez mais as turmas são maiores, e então o professor não tem essa disponibilidade para estar com cada um, porque são tipos de miúdos que precisam de um apoio personalizado. E noto realmente isso. Pois, da minha parte, na escola, o que eu achava que seria o ideal, era que para além da educadora, para além de uma auxiliar, haver alguém responsável na área, portanto, da educação, que desse esse apoio ao Mateus, para que ele estivesse... se sentisse melhor, para que não sentisse em relação aos outros marginalizado, mas marginalizado em termos de não conseguir fazer o trabalho, porque às vezes chega a casa e diz “oh mãe, hoje não consegui fazer” e é muito normal que isso aconteça. Eu compreendo que os educadores com 25 ou 30 miúdos numa sala de aula que não consiga, assim, em tempo útil, acompanhar cada um deles, que não consegue mesmo, que não consegue mesmo.

E – Em termos de apoio personalizado...

---

<sup>1</sup> Entrevistadora

<sup>2</sup> Mãe Tânia

T- É muito difícil, é muito difícil. Claro, o Mateus não é aquele tipo de miúdo que eu digo assim”olha Mateus, agora vamos pintar o sol, as nuvens... “. Não, eu tenho que me sentar com ele, eu não posso falar para ele como falo para a turma. Imaginemos, numa sala de aula, a conversação minha para com ele tem de ser sempre direcionada, porque se eu estou a falar com ele e estão os dois irmãos ao mesmo tempo, o Mateus não retém a informação, eu tenho de ir ao pé dele, e dizer “olha, agora vamos ter que fazer assim”, percebe? E é esse trabalho, continuado, que no fundo se espera numa escola. Que eles tenham sempre esse acompanhamento para que consigam acompanhar os outros, para que não se possam sentir frustrados, porque não consegui fazer o teste, não consegui fazer a resposta, não percebi a pergunta, porque são muitos miúdos e porque às vezes falam todos ao mesmo tempo, percebe? e isso, acho que é dos pontos essenciais para que a criança se sinta bem na escola. Porque se não tiver esse apoio, eu acho que vai frustrar, essa é, tem sido uma das minhas preocupações, ele tem agora 5 aninhos, para o ano iniciará a primária, sim, o 1º ciclo, e acho que, conhecendo-o como eu conheço, se não tiver esse ensino, esse apoio especializado, de alguém, acho que vai ser complicado, para ele, será uma criança que, se tiver esse apoio, provavelmente, se vai desmotivar da escola, será um frete ir para a escola, não vai querer frequentar a escola, penso eu, esperemos que eu esteja enganada.

E - Sei que ele agora vai ...

T – Ele agora vai ser avaliado pela escola, tem terapia da fala, em Portimão, já tem desde os dois anos, foi pelo hospital, pela Segurança Social. Ele é um bebé gémeo precoce e então, os bebés prematuros têm acompanhamento até aos 12 anos.

E – Intervenção Precoce, ele esteve...

T – Olhe, é assim, o Mateus é uma situação complicada, eu vou-lhe explicar porquê, ele quando tinha dois anos, portanto, houve, uma pediatra que achou que havia ali um desfasamento em relação ao irmão, ele é gémeo, não é que estejamos a comparar, não há comparação possível, mas o que é certo é que o Mateus em termos de falar, portanto, do andar, do comer, houve sempre um atraso enorme em relação ao outro irmão, e então, mesmo na fala, isso que mais me chamou a atenção, havia ali um desfasamento enorme e eu queria perceber o que o Mateus dizia e eu não conseguia entender, e com a mesma idade, o outro irmão era muito mais fácil, é claro que dizia papá, mamã, eu percebia o que ele queria dizer, o Mateus era complicado, ele falava os sons muito estranho, mas isto tem muito a ver com otites que o miúdo teve, ele teve otites continuadas de 15 em 15 dias, entretanto fez um exame, sobre os potenciais evocados para avaliar os estímulos, como é que reage a estímulos, e, portanto, a avaliação final foi de que o miúdo tinha problemas em, o cérebro do Mateus não descodificava a mensagem em tempo útil, portanto, havia um x tempo para ele descodificar a mensagem e não conseguia. Portanto, levava mais tempo a que conseguisse reagir ao estímulo. Foi encaminhado pela pediatra, para avaliar o que é que se passava, porque o Mateus naquela altura ainda não reagia tão bem como reagia o outro irmão, alguma coisa não estaria bem, e então fez-se esse exame, e a avaliação foi mesmo essa. O tempo que o cérebro leva a descodificar a mensagem era demasiado para a idade que o menino tinha. E o curioso, foi que, eu não sei bem precisar

agora, mas é um dado que posso lhe facultar, não sei bem precisar a data, ou altura que ele tinha quando fez o exame, mas o mais curioso é que a técnica que fez o exame disse-me assim “olhe mãe, eu já fiz muitos exames a meninos deste tipo e vou-lhe dizer uma coisa, o Mateus será futuramente um menino com necessidades educativas especiais”. Portanto, não teria, cerca de um ano, um ano e meio, e “então porque é que diz isso?” “É a experiência que eu tenho, porque depois acompanho estes meninos, são miúdos com défice de atenção e défice de concentração”. E por sinal é o problema do Mateus. Porque eu quero fazer uma conversa com ele, consigo durante alguns segundos, mas entretanto o Mateus extravasa para outro campo, outro domínio que não tem nada a ver com aquilo que estamos a conversar.

E – Tem tido um bom acompanhamento da parte do hospital?

T – Da parte do hospital sim, neste momento continua com a terapia da fala, lá no hospital, continua, embora neste momento a terapeuta trabalhe mais com ele seja a parte da atenção e concentração, porque o Mateus é um menino que fala pelos cotovelos e quando eu digo que ele está na terapia da fala toda a gente me pergunta “O Mateus? Então ele não se cala, o miúdo fala, fala...” E é certo que ele fala imenso, é certo que alguns sons que ele se não os diz corretamente é por preguiça, há um som que ele não diz mas também não me preocupa, há imensos adultos que também não o dizem, é o “L”, por isso às vezes parece um bocado estranho o “lua” percebe, mas em termos de outros sons ele já os diz e se eu pedir para repetir, coisa que ele não fazia há tempos, diz na perfeição, os “r”, o que ela diz é que ainda não automatiza bem os sons e daí a preguiça dele, mas se eu pedir para repetir, ele repete na perfeição. Claro que há palavras mais longas que ele não consegue dizer, ainda agora não consegue dizer “devagarinho” diz... uma palavra assim esquisita, mas enfim, há determinadas palavras é difícil ele conseguir, e com muitas sílabas ainda é um bocado difícil. Bom, mas o que é que trabalha mais na terapia da fala? É mesmo a atenção e concentração.

E – Ele gosta de ir?

T – Gosta e não gosta. Ele teve uma terapeuta durante 3 anos, lá no hospital, foi a terapeuta que iniciou com ele, entretanto terminou o contrato e ela foi embora. Resultado, o M. não percebeu porque é que ela foi embora, mesmo que eu tivesse explicado, que é mesmo assim, as pessoas trabalham, têm determinado tempo a trabalhar, mas é uma criança pequena, não consegue perceber isso. O M. é um menino que se afeiçoa muito às pessoas, é muito afetivo, é muito ternurento, e aquela terapeuta, claro que foi no fundo quem o ensinou a falar, porque foi ela, marcou-o bastante, e agora nem tanto, porque levamos quase uns 6 meses com esta terapeuta... ele agora já vai com alguma vontade, mas mesmo assim ainda me pergunta “então porquê que a Carla não está? mas vai e continua a ir, uma vez por semana, embora que 45 m, confesso que não chega, mas toda a ajuda é bem vinda, nestes casos, e ele continua, não se fará avaliação depois para ver se continua ou não, mas quer dizer, tudo o que está ao nosso alcance vamos tentando fazer, uma vez que temos a noção, nós pais, porque quem está de fora não tem a noção. E falo disso, por exemplo, com os meus familiares, quando eu falo sobre estas questões do M. da terapia, do

comportamento dele, etc. porque ele tem feito uma evolução muito grande. Houve uma altura em que o M. reagia muito mal ao não, não aceitava o não, foi bastante complicado, e hoje em dia falando com os familiares toda a gente diz: “Mas o M. teve uma evolução fantástica, ele está na perfeição”. Mas, o problema do M. é muito mais profundo. Percebe? É a questão da atenção e concentração que mais me preocupa, porque é assim, o M. é um miúdo, pode falar com ele, lá está, num curto período de tempo, que ele depois não mantém o raciocínio. O M. tem algo a seu favor que eu acho que é bastante bom, que é em termos da memória, tem uma memória fantástica, ele lembra-se de coisas que já aconteceram à 1 ano, que eu já nem me lembro disso, e o nome das pessoas, tudo o que sejam situações de... às vezes mais simples, eu lembro-me tinham acontecido vários episódios na sala, a Cátia às vezes, que é educadora diz às vezes “Olhe, Tânia, estávamos a falar sobre determinado assunto, e o M. foi o único que se lembrou daquilo, eu já nem me lembrava daquilo mas ele lembrou-se imediatamente”. É um dos aspetos que realmente o M. tem de bom. Pode ser futuramente que isso lhe traga alguns benefícios na escola, mas para isso precisava do tal acompanhamento, porque acredito que o professor esteja a falar futuramente e ele esteja no mundo dele e se não tiver alguém ali a chamá-lo, não é, não é sempre ali “Mateus, Mateus”, o que é um bocado difícil, se não estiver alguém ali em sala de aula próximo que o traga sempre, é uma pena, poderá perder-se, digamos que apesar de ter essa dificuldade de atenção e concentração, acho que o miúdo até é inteligente, percebe? Ele tem às vezes determinados comentários que me surpreendem. Há dias fui buscá-lo à escola, às 3 horas, e depois, ele disse “Oh mãe, podemos ir ao campo passear um bocadinho?” Ele gosta muito da Natureza “Vamos filho, mas é assim, hoje eu não vou convosco, porque vocês têm o vosso quarto todo desarrumado, tenho de apanhar os brinquedos, arrumar o calçado e etc. E, é assim, se vocês ajudassem a mãe, eu teria mais tempo, para estar convosco” e o M. muito espontaneamente disse “pois, mãe, tu não queres que eu te ajude, ainda ontem eu te quis ajudar e tu não querias”. Isso porquê? Eu estava a arrumar a cozinha, estava a lavar a loiça, e ele queria à força, lavar a loca também, e eu disse-lhe “M. não é uma tarefa para ti filho, não vais lavar”, e ele ficou aborrecido comigo, porque eu não eu não o deixei lavar a loiça. Mas, quer dizer, ele tem momentos, em que...

E – Tem uma resposta...

T – Completamente enquadrada, dentro de aquilo que estamos a falar. Lá está, há outros momentos em que estamos a falar de alhos e o M. extrapola para outro para outro assunto qualquer que não tem nada a haver “mas, porquê que ele veio falar disto agora?” Percebe? É mais nesse aspeto. Em relação à Intervenção Precoce (IPI), ele realmente, ele fez então uma consulta, depois de todos os resultados dos potenciais evocados, etc. ele fez uma, aos 3 anos, ele fez uma consulta de desenvolvimento em Portimão também, com a Dr<sup>a</sup> da consulta de desenvolvimento, e foi assim, uma conversa não muito, muito conclusiva, mas tendo em conta as perguntas que ela foi fazendo à mãe, a mim, neste caso, tendo em conta a avaliação que ela fez ao M. ela não rotulou o M. de Asperger, mas quase, portanto, ela quis informar-me de que ele tinha alguns comportamentos de uma menino tipicamente Asperger, mas não queria dizer que fosse, quis me tranquilizar, mas pronto “Oh, mãe não

se preocupe, nós temos aqui médicos no hospital que são Asperger e muito inteligentes”, quer dizer não foi nada conclusivo. Isto porque o M. por exemplo, é capaz de se fixar muito numa cor, que é típico num Asperger, o miúdo com 3 anos, ela achava que as palavras que dizia eram demasiado evoluídas para a sua idade, quer dizer, algumas situações, em que ela supostamente achou que podia ser. Entretanto, tivemos consulta este ano, em 2014, e ela achou uma evolução enorme no M. achou que realmente em termos de linguagem estava muito melhor, não tinha nada a ver, mas claro, havia pequenas coisas que para a idade, ainda não seriam bem aceitáveis, por exemplo, ela escreveu num papel o nº 1 e perguntou-lhe “então, o que é que é isto? É um número ou é uma letra?”. Ele disse que era uma letra, quer dizer, houve algumas situações que a levou a supor que ainda têm um desenvolvimento...

E – Abaixo...

T - Abaixo do esperado, percebe? Portanto, para a idade dele tem, está a ver, ele pró ano vai para o 1º Ano, tem cinco anos, quer dizer, já devia ter capacidade para dar outro tipo de resposta. Por exemplo, em termos de motricidade fina, é talvez neste momento, um dos problemas maiores do M. Ele não consegue fazer o nome dele ainda,

E – Copiar as letras...

T – Sim. Não consegue... Claro, nem copiar, mesmo com os pontinhos, eu por exemplo, se lhe faço os pontinhos para as letras, ele não consegue unir ponto a ponto, percebe? Vamos agora, começamos agora a fazer o “M”, o “A” ainda, um bocadinho tosco, mas quer dizer, é algo que me preocupa, neste momento, não é... Porque não consegue fazer ainda, por exemplo, a representação do real, se lhe pedir... vamos lá ver “Olha, hoje está sol, vamos lá ver, está um dia bonito, de que cor está o céu...”. Ele é capaz de pôr um céu cheio de nuvens! Está um dia bonito, um céu limpo, só sol, um céu azul, nós dizemos: “M. um céu azul”. Ele pode pôr nuvens, percebe, pode pintá-las de cinzento ou de preto. Ele na representação do real, tem muita dificuldade ainda. Mas em relação à IP, que era aquilo...

E – Sim, ele não esteve na IPI?

T – Ah, era isso, que lhe ia dizer, entretanto essa dr<sup>a</sup> da consulta de desenvolvimento, disse “Ah, mas o M.”, portanto aos 3 anos, “ele tem que ser já, tem que ser feita já uma avaliação precoce, portanto, eu vou encaminhá-lo para a Equipa de IPI de Silves, este menino tem de ser visto quanto antes”. Ok, ela preencheu lá os formulários, foi a Silves, resultado, estivemos lá cerca de algum tempo, até que ele fez os exames próprios, agora não sei precisar o nome, dos exames...

E – Avaliações...

T – Umhas avaliações, exatamente. Ora bem. O que é que fizeram? Puseram-no a chutar uma bola, para ver a coordenação dele, chutou a bola na perfeição, deram-lhe uns puzzles para ele montar, foi um bocado difícil, lá está, falhava na altura, como agora, a motricidade fina, ele não conseguia fazer, punha os puzzles ao contrário, muito

descoordenado. Puseram-lhe os legos, as cores primárias, azul, amarelo, vermelho e verde. Ok, M. “agora vais pôr aqui um azul, agora vais pôr um verde, agora vais pôr um amarelo, agora vais pôr dois azuis”. O M. a certa altura meteu aquilo tudo dentro do cesto. E então, acharam realmente este menino é muito desenrascado, este menino não reúne condições para acompanhamento, o que eu achei um absurdo! Porque o principal do miúdo não foi avaliado, que é a concentração e a atenção. E não o puseram a fazer um desenho qualquer, um grafismo. Percebe? Essas coisas,

E – Não teve critérios para ser acompanhado?

T – Não. E disseram mesmo “Olhe, este menino não reúne as condições para ser intervencionado”. É assim, eu como mãe fiquei muito contente, ótimo, o meu filho não tem problemas, vai estar na escola como os outros meninos, é igual aos outros, e no fundo é, não tem problema nenhum, eu sou uma mãe muito feliz por isso, mas o verdadeiro da questão está lá e isso não foi trabalhado ainda, percebe? E, é daquelas questões que realmente...

E – E agora a sr<sup>a</sup> é que pediu...

T – E agora, como eu continuo a ver esses problemas... e entretanto, já no ano passado, levei os relatórios psicológicos, o relatório da dr<sup>a</sup> de desenvolvimento, e claro, como nós vemos, nós mãe, eu, a dr<sup>a</sup> de desenvolvimento, como nós vemos que realmente há qualquer coisa no M. que ainda não está realmente superado, e não está mesmo, que é a atenção e concentração, e mesmo falando com a terapeuta, nesta última consulta com a dr<sup>a</sup> da consulta de desenvolvimento, ela encaminhou novamente para a equipa de IPI. Só que, é assim, honestamente, eu não o levei a Silves, porque vão fazer a mesma coisa. E é assim, eu sei como é que está o país, sabemos, enfim, como é que são todas estas burocracias, e não é fácil ter alguém depois a trabalhar com eles, isto trás muitos encargos, não é, e eu não levei o M. a Silves, porque vai acontecer a mesma coisa, não vai reunir as condições. E entretanto, trouxe, falei com a educadora Cátia, entretanto já no ano passado, ele tinha que ter apoio, portanto, aqui pelo Agrupamento de Silves, mas por lapso da educadora não teve. A educadora do M. na altura “Olhe, por lapso meu, ele não teve acompanhamento este ano, estava escrito no relatório “avaliado” percebe? E a educadora achou, a educadora não, a psicóloga achou que tinha sido avaliado por ela, ou seja, foi um processo posto de lado, e depois eu quando falei com a sua colega, com a Elsa, aí, ela é que me disse “Olha Tânia, ele já devia ter sido acompanhado este ano, a psicóloga disse que por lapso dela, não foi porque achou, achou, pronto, como estava lá avaliado pensou, foi feita avaliação por mim, foi avaliado pela equipa de IPI de Silves. E entretanto, voltamos novamente, pronto, a dar andamento às burocracias, falando com a nova educadora este ano, para que ele possa eventualmente então ter, a ver se reúne as condições para ser, para ter alguém com ele, do ensino especial.

E – Para entrar no ensino especial aqui do Agrupamento...

T – Exatamente, do Agrupamento. A Antónia está agora a fazer a avaliação, já começou a semana passada, hoje continua, para ver qual dos artigos é que do 308... não é 308?

E – Decreto-lei de 2008, 3 de 2008.

T – Exacto, e então ela está a fazer está a fazer essa avaliação para integrar...

E – O ensino especial... para ter apoio.

T – Exatamente. Estivemos a semana passada a ver a avaliação em relação à CIF, que é para ver qual... o plano individual... agora será feito trabalho, há 60 dias para essa elaboração da avaliação... e vemos então, qual é a situação, e que artigo, que...

E – Alínea...

T – Alínea, exatamente...

E – Que vai ser atribuída...

T – Exatamente. Nós estivemos a ver isso, e agora está neste momento assim.

E – Para poder continuar... Já sei que me espera ele estar outra vez numa turma outra vez de 25 miúdos, e às vezes numa turma em que estão meninos... se lá. Ela vai para o 1º Ano, sei lá, podem estar meninos do 2º, é muito complicado, para um professor ter alunos deste tipo e sem apoio, percebe? É muito complicado.

E – E porque eles têm direito!

T – Pois, é um direito que lhes assiste, não é...

E – As crianças têm direito à educação...

T – Claro, mas a uma educação de qualidade. A educação não passa só em casa, também, eles passam a maior parte do tempo na escola, e realmente se não houver da escola esse acompanhamento, é claro que em casa, por muito ou pouco que tenhamos formação, há determinadas áreas que nos escapam, e no fundo é isso. Mesmo o M. em casa, trabalhar com o M. em casa, ele também que se habituar ao contexto de aula, de sala de aula, para que também crie regras, e que saiba... a escola é fundamental.

E – Para a qualidade de vida?

T - Sem dúvida. Eu acho que é na escola é que ele vai aprender a crescer, a enfrentar os medos, é fundamental. Acho que a escola... nem pensar, às vezes ouço pais dizendo “Ai, eu ... “ vemos notícias que tem ensino personalizado em casa e que não vão à escola, acontece, eu tive uma aluna, de Monchique, foi minha aluna até ao 1º período, e depois os pais entenderam que preferiam que fosse o professor a casa e que fosse ensinar. Quer dizer, eu respeito isso, mas não sei até que ponto concordo, não é... porque é fundamental, não é, é lá que eles convivem, que crescem, que aprendem, que trocam conhecimentos, as relações interpessoais, quer dizer, em casa, é um circuito muito... é um espaço muito isolada, muito confinado, como é que a criança desenvolve essas competências? Ela não vai ficar a trabalhar sempre fechada! Ela tem que saber com o que conta lá fora, com a sociedade, não é.

E – O que é que considera que, em termos de futuro, deseja que o M. tenha apoio na escola, e já tem terapia da fala, que deverá continuar

T – Sim, em principio deverá continuar... eu penso

E – É mais fácil provavelmente... portanto, considera que é mas difícil ele ter acesso aos bens sociais?

T – Bem, eu neste momento...

E – Para ter qualidade de vida? Ter qualidade de vida é... do ponto de vista de uma criança... por exemplo, neste aspeto o termo “apoio personalizado” será dar-lhe qualidade de vida?

T – Sim, é o que eu estava a dizer à bocadinha. Eu acho que se o M. não tiver esse apoio, não sei depois até que ponto quando ele começar a ver os resultados em relação aos outros miúdos, não sei até que ponto ele conseguir perceber eu sou diferente dos outros, mas porquê? Porquê que eu não consigo obter sucesso? É capaz de ser, traumatizante, não sei, acho frustrante para a criança, não é, não sei até que ponto ele... É assim, por exemplo, ele às vezes... a auto-estima... eu acho que é capaz de comprometer a auto-estima dele. Houve alturas do crescimento do M. que eu via que quando ele não conseguia dar resposta a determinadas respostas ou perguntas, ou estímulos, como é que eu vou explicar, sabe o que que é, a pessoa fica ansiosa, e quer responder e não consegue, e fica frustrada, percebe? Eu notava isso no miúdo. Percebe? Acho que ele não tem ainda aquela naturalidade, para pensar “Olha, eu não sei, não sei, paciência!”. Não, eu às vezes, noto que ele quer fazer, mas se não sabe, noto que há ali qualquer coisa, que o desanima, percebe? Ele teve alturas que eu, qualquer atividade que eu pedia para ele fazer, um puzzle com 5 ou 6 peças, eu notava que o miúdo queria fazer, mas não conseguia e parece que ele fiava nervoso, percebe? Se não houver essa tranquilidade interior da parte dele, essa auto-estima, que sinta, que se sinta bem consigo próprio, também é capaz de falar se estiver ali alguém “Mateus, tu consegues” percebe, aquele estímulo, acho que se ele não tiver isso, alguém que esteja ao lado dele a apoiar, acho que ele não tem... a qualidade de vida dele vai-se comprometer realmente, eu sinto isso, porque vejo... porque é assim, nós, claro que temos a nossa personalidade, e ela vai se formando, mas é assim, o M. vê o trabalho dos outros, e pensa, porque que os meus irmãos fazem e eu não consigo fazer? Percebe... Eu acho que isso para ele... é um bocado difícil de poder avaliar isso, mas eu acho que o miúdo fica triste, porque o que o irmão gémeo consegue fazer, os aviões que o Tomé lhe ensina, e ele não consegue, e pior ainda, é ele pedir para que lhe façam também, e receber um não. Noto isso, com os irmãos, o Tomé, o Tomé é o filho mais velho ensina o Sérgio a fazer um avião, e o Sérgio faz logo imediatamente o avião. O M. não consegue fazer e por muito que lhe explique, ele vai pedir ao Sérgio, fica chato: “Mas, o Tomé já te ensinou isso tantas vezes”. É complicado! Nós adultos, percebemos isso, mas os miúdos não percebem, eu que estou por dentro, “o M. precisa de mais atenção” e embora eu explique isso ao Tomé, são miúdos, tem 12 anos. Não têm a paciência que nós temos que ter, ensinou, ensinou, aprendeste, aprendeste. E no fundo, às vezes, a política da escola é um bocado essa. Infelizmente. Há professores, há uns que são, e há outros que

não são. E sei que às vezes é um bocadinho percebeste, percebeste, não percebeste tivesses percebido. E por é que eu acho, no caso do M. mais do que ninguém, sinto que ele precisa ter alguém, que esteja com ele, que o ensine a fazer, com muita assertividade, é um bocadinho isso, porque o M. é um menino muito afetivo, mas reage muito mal, por exemplo, à violência, temos que o levar sempre pela parte afetiva, pelo coração, percebe, temos que cativá-lo muito, para que ele consiga sentir-se bem, tem que ser cativado pela parte mesmo emotiva, porque é um miúdo muito dócil, e pronto.

E – Quando é que ele se sente mais feliz, o Mateus?

T – Quando ele realiza uma tarefa fica feliz da vida, fica feliz, quando... eu então, tenho estado a trabalhar muito com ele as letras, tentar fazer o nome dele, e ele quando faz uma letra fica feliz: “Mãe, está perfeito” “Sim, M. muito giro! Está mesmo bem, filho”. Ele continua, isso é um estímulo para ele. Ele precisa muito do reforço positivo. Muito mesmo.

E – E em termos de atividades, portanto... é o estar com os irmãos, provavelmente...

T – Sim, ele gosta muito de estar com os irmãos...E – Com os amigos...

T – Gosta muito, ele adora, aliás... sim, sim, sim, ele tem muitos amigos, e volta e meia ao fim de semana convido sempre um amiguinho para estar connosco, mas lá está, às vezes, isso torna-se um bocadinho complicado, sabe porquê? Porque o M. requer muito a atenção do outro. E qualquer pessoa que vá, ele tenta monopolizar, e o miúdo que vai para brincar com ele, não vai para brincar com ele, vai brincar com ele, vai com o Sérgio, porque são amigos da mesma turma, percebe? E quer dizer... Porque o M. depois acaba por querer só brincar com ele, anda sempre atrás, e às vezes noto, realmente... ele depois chora, porque o menino já está farto de brincar com ele, quer o Sérgio, ele próprio diz: “Mas ele não quer brincar comigo, só quer brincar com o Sérgio! Só quer brincar com o Tomé”. Fica frustrado, porque lá está, ele tem essa necessidade de atenção, percebe, não quer dizer, de monopolizar, mas é um bocadinho isso. Lá está, é meu e só brinca comigo, e eu preciso que esteja a brincar comigo. Porquê? Porque ele não tem ainda aquela autonomia... e de ser capaz de brincar sozinho, ele até tem muita capacidade de liderança e leva os meninos todos atrás e acaba por liderar o grupo, mas quer dizer, ele precisa sempre ali de uma muleta, percebe, precisa sempre de um apoio, ela faz as coisas, mas precisa de alguém que esteja ali, para que se sinta bem.

E – Não gosta muito de estar sozinho...

T – Não, não gosta muito de estar sozinho...

E – Também não tem muitas possibilidades... provavelmente...

T – Não, também não tem.

E - Não vai brincar assim para o quarto brincar sozinho... da iniciativa dele...

T – Não vai muito e se vai é foçado. Porque sou eu que obrigo, porque há certas alturas em que eu tenho que os separar os três, então tem que ficar o Tomé no escritório, e fica o M. no quarto e fica o Sérgio comigo na cozinha ou o contrário, tem de haver essa situação ... noto que o M. fica triste, mas depois lá arranja os seus brinquedos, e dá volta e fica. Às vezes há muitas situações que tem de ser, pode não ser o mais pedagógico, mas como mãe tenho necessidade... temos que arranjar estratégias... mas noto que ele não gosta de estar sozinho, gosta sempre de companhia, onde quer que a mãe esteja, vá ele vai, ou se está o pai, ou o irmão, gosta sempre de estar com alguém.

E – Em termos de autonomia ainda necessita de vigilância?

T – Sim, sim, sim. Onde está o M. Lá está, mas eu noto que já é um miúdo que vai à cave buscar os brinquedos e seleciona, e quero este e quero aquele, este é para ti Sérgio, este é para mim, quer dizer, noto que isso tem sido trabalhado e que ele aos poucos e poucos, vai evoluindo nesse sentido. É o que estou a dizer, comparativamente com o outro não, mas se eu não tivesse o outro dizia, ele tem vindo a... tem se tornado mais autónomo. Naquelas tarefas básicas, ele tem dificuldade em vestir-se, mas se lhe puser a roupinha ele veste, calçar também se calça, embora se calce sempre ao contrário, sempre ao contrário, não percebo bem porquê, e eu digo assim: “M. os sapatos estão ao contrário, filho”. Ok, ele vai, tira e vem ao pé de mim “Mamã, já está bem?” Continua ao contrário. Mas, os calções, as calças é mais difícil, mas uns calções que não tenha fecho ou que não tenha botão, a parte da frente fica atrás e sem problema nenhum, percebe? Mas, lá está, veste-se, mas desenrasca-se, percebe, é capaz. Naquilo que ele tem facilidade, eu não preciso de ajudar o M., naquilo que ele sente que está seguro, chega casa, cadeira, frigorífico, yogurte, ele não precisa me pedir “mãe, quero um yogurte”. Ele vai buscá-lo. Não chega lá em cima, na prateleira, mas pega na cadeirinha, vai, nas tarefas em que ele esteja à vontade, vai à casa de banho, pega na escova, pasta de dentes, escova os dentes, percebe? Há determinadas coisas que já está tudo tão automatizado, ele próprio já tem essa autonomia perfeita. Há outras coisas que não, naquilo que ele não está seguro, precisa sempre do tal apoio, da tal muleta.

E – O que é que, digamos, qualidade de vida no futuro, o que é que seria?

T – Desejável para o M.?

E - Que ideias ou imagens, o mais importante... para ele...

T – Para já tem de ser alguma coisa que o faça sentir bem. Não é? Mas não sei. Ele, neste momento, coitadinho, é difícil, mas é um miúdo muito sensível, a tudo, ele está sempre a dizer eu quero ser bombeiro para ajudar as pessoas, ele é um miúdo muito sensível, a natureza, o ambiente, e vê o lixo no chão e choca-se: “Então, como é que as pessoas deitam lixo no chão?!” é, nesse aspeto é muito observador e questiona-se “Mas porquê que fazem isto, porque é que põem o lixo no chão? Não vêem que estão a estragar o ambiente?!” Quer dizer, ele tem algumas atitudes que me levam a pensar... mas esse miúdo, realmente, tem é que ser trabalhada a tenção e concentração, porque provavelmente ele não vai ter problemas no futuro e será... pode ser um miúdo com

sucesso, numa área que não se qual, há miúdos que são assim, são brilhantes numa área, mas depois nas outras, falham muito, não é? E somos todos assim, não somos bons em todas as áreas. O caso do M. sei lá...

E – O que deseja para ele, para já, é acompanhamento... ele ter sucesso...

T – Sem dúvida... uma das questões que me preocupa é esta, ele tem um irmão gémeo, o Sérgio estará apto para iniciar o 1º Ano, e a minha questão é, e o M.? O miúdo já sonha com a primária, ele quer ir, “e para o ano vou para a primária, e a mochila e os livros. Oh, mãe e depois vais me comprar os livros de matemática e português”. Ele sonha com a primária, percebe? E a minha preocupação é esta. E como é que é, será que durante estes 9 meses que faltam, ou 10, ela vai ter essa evolução, se necessário, vai reunir as competências para ir para o 1º Ano? Como é que vai ser este miúdo se ficar no II e sabendo que o mano está primária? “Porquê que eu não fui? Não fui porquê?” Eles não vão perceber porque que ele não vai perceber “Olha, eu não fui porque não seu fazer letras, ou eu não fui porque não tenho atenção e concentração”. Os miúdos não percebem isso, não é, e neste momento é algo que... eu com o pai, falamos todos os dias, o pai é da opinião que ele dever ir, que não que ficar na pré talvez não ajude muito, mas claro, é daquelas situações, pois se ele não tem maturidade para ir, será benéfico ele iniciar um 1º Ano? Não sei. Percebe? É um dos problemas maiores.

## FASE 2 – PRÉ-CATEGORIZAÇÃO DA ENTREVISTA

### **ANEXO 13B – PRÉ-CATEGORIZAÇÃO DA ENTREVISTA**

#### **ENTREVISTA – E5 – TÂNIA (Mãe do Mateus)**

#### **PRÉ-CATEGORIZAÇÃO**

#### **Unidades de Sentido**

[**Sobre o filho**] Ele é um bebé gémeo precoce e então, os bebés prematuros têm acompanhamento até aos 12 anos. (...) porque o Mateus é um menino muito afetivo, mas reage muito mal, por exemplo, à violência, temos que o levar sempre pela parte afetiva, pelo coração, percebe, temos que cativá-lo muito, para que ele consiga sentir-se bem, tem que ser cativado pela parte mesmo emotiva, porque é um miúdo muito dócil, e pronto. (...) Não, não gosta muito de estar sozinho...

[*Sobre a idade do filho*] tem cinco anos.

[**Sobre o filho ter necessidade de apoio continuado**] o Mateus é um miúdo especial, no sentido de, ter realmente essa necessidade de apoio continuado. Percebe? Eu estou em casa, noto que ele requer a minha presença constante, para todo o tipo de atividades. (...)

porque são tipos de miúdos que precisam de um apoio personalizado. E noto realmente isso.

*[Sobre o porquê da necessidade de apoio continuado em casa]* É um miúdo que se eu o colocar um trabalho qualquer ele manifesta muita insegurança e precisa sempre de mim e do meu apoio. Percebe? Por exemplo, basta eu estar a pintar um boneco, por exemplo, ele escolhe a cor, mas tem de perguntar “oh mãe, está bem? É assim? Gostas?” Percebe? É assim, é um miúdo que não tem muita segurança nesse aspeto e então, noto que em relação aos outros dois filhos que tenho, é sempre preciso este apoio extra, para que ele se sinta bem, para que se sinta confortável com a atividade que ele está a realizar, porque ele sozinho, não sei se é por falta de autonomia, acho que é em parte, mas mais pela insegurança, mais pela insegurança, sinto isso. Eu, por exemplo, posso lhe colocar os lápis para ele pintar e ele mesmo assim, eu digo assim “olha Mateus, o chapéu vamos pintar amarelo, a t-shirt vamos pintar de verde, e mesmo que lhe faça os tracinhos, em cada uma das partes, ele tem sempre necessidade que eu esteja por perto.

*[Sobre o porquê da necessidades de apoio personalizado no JI e na escola]* É muito difícil, é muito difícil. Claro, o Mateus não é aquele tipo de miúdo que eu digo assim”olha Mateus, agora vamos pintar o sol, as nuvens... “. Não, eu tenho que me sentar com ele, eu não posso falar para ele como falo para a turma. Imaginemos, numa sala de aula, a conversação minha para com ele tem de ser sempre direcionada, porque se eu estou a falar com ele e estão os dois irmãos ao mesmo tempo, o Mateus não retém a informação, eu tenho de ir ao pé dele, e dizer “olha, agora vamos ter que fazer assim”, percebe? E é esse trabalho, continuado, que no fundo se espera numa escola. Que eles tenham sempre esse acompanhamento para que consigam acompanhar os outros, para que não se possam sentir frustrados, porque não consegui fazer o teste, não consegui fazer a resposta, não percebi a pergunta, porque são muitos miúdos e porque às vezes falam todos ao mesmo tempo, percebe? e isso, acho que é dos pontos essenciais para que a criança se sinta bem na escola.

*[Sobre o porquê do apoio especializado]* Porque se não tiver esse apoio, eu acho que vai frustrar, essa é, tem sido uma das minhas preocupações, ele tem agora 5 aninhos, para o ano iniciará a primária, sim, o 1º ciclo, e acho que, conhecendo-o como eu conheço, se não tiver esse ensino, esse apoio especializado, de alguém, acho que vai ser complicado, para ele, será uma criança que, se tiver esse apoio, provavelmente, se vai desmotivar da escola, será um frete ir para a escola, não vai querer frequentar a escola, penso eu, esperemos que eu esteja enganada.

*[Sobre o apoio/acompanhamento especializado e a expectativa de sucesso]* (...) porque acredito que o professor esteja a falar futuramente e ele esteja no mundo dele e se não tiver alguém ali a chamá-lo, não é, não é sempre ali “Mateus, Mateus”, o que é um bocado difícil, se não estiver alguém ali em sala de aula próximo que o traga sempre, é uma pena, poderá perder-se, digamos que apesar de ter essa dificuldade de atenção e concentração, acho que o miúdo até é inteligente, percebe?

*[Sobre a necessidade de acompanhamento especializado no 1º Ciclo] (...)* Sem dúvida... uma das questões que me preocupa é esta, ele tem um irmão gémeo, o Sérgio estará apto para iniciar o 1º Ano, e a minha questão é, e o M.? O miúdo já sonha com a primária, ele quer ir, “e para o ano vou para a primária, e a mochila e os livros. Oh, mãe e depois vais me comprar os livros de matemática e português”. Ele sonha com a primária, percebe?

**[Sobre a avaliação por referência à CIF]** Ele agora vai ser avaliado pela escola.

**[Sobre o processo para ser integrado na Educação Especial]** E entretanto, trouxe, falei com a educadora Carlota, entretanto já no ano passado, ele tinha que ter apoio, portanto, aqui pelo Agrupamento de Silves, mas por lapso da educadora não teve. A educadora do M. na altura “Olhe, por lapso meu, ele não teve acompanhamento este ano, estava escrito no relatório “avaliado” percebe? E a educadora achou, a educadora não, a psicóloga achou que tinha sido avaliado por ela, ou seja, foi um processo posto de lado, e depois eu quando falei com a sua colega, com a Elsa, aí, ela é que me disse “Olha Tânia, ele já devia ter sido acompanhado este ano, a psicóloga disse que por lapso dela, não foi porque achou, achou, pronto, como estava lá avaliado pensou, foi feita avaliação por mim, foi avaliado pela equipa de IPI de Silves. E entretanto, voltamos novamente, pronto, a dar andamento às burocracias, falando com a nova educadora este ano, para que ele possa eventualmente então ter, a ver se reúne as condições para ser, para ter alguém com ele, do ensino especial.

*[Sobre a expectativa do filho ser abrangido pela Educação Especial]* Exatamente, do Agrupamento. A Antónia está agora a fazer a avaliação, já começou a semana passada, hoje continua, para ver qual dos artigos é que do 308... não é 308? (...) Exacto, e então ela está a fazer está a fazer essa avaliação para integrar... (...) Exatamente. Estivemos a semana passada a ver a avaliação em relação à CIF, que é para ver qual... o plano individual... agora será feito trabalho, há 60 dias para essa elaboração da avaliação... e veremos então, qual é a situação, e que artigo, que...Alínea, exactamente... Exatamente. Nós estivemos a ver isso, e agora está neste momento assim. (...) Para poder continuar... Já sei que me espera ele estar outra vez numa turma outra vez de 25 miúdos, e às vezes numa turma em que estão meninos... se lá. Ela vai para o 1º Ano, sei lá, podem estar meninos do 2º, é muito complicado, para um professor ter alunos deste tipo e sem apoio, percebe? É muito complicado.

**[Sobre o professor]** e portanto esse é um problema que neste momento, me preocupa, porque na escola, cada vez mais as turmas são maiores, e então o professor não tem essa disponibilidade para estar com cada um (...) Eu compreendo que os educadores com 25 ou 30 miúdos numa sala de aula que não consiga, assim, em tempo útil, acompanhar cada um deles, que não consegue mesmo, que não consegue mesmo.

**[Sobre a escola]** E no fundo, às vezes, a política da escola é um bocado essa. Infelizmente. Há professores, há uns que são, e há outros que não são. E sei que às vezes é um bocadinho percebeste, percebeste, não percebeste tivesses percebido. E por isso é que eu acho, no caso do M. mais do que ninguém, sinto que ele precisa ter alguém, que esteja com ele, que o ensine a fazer, com muita assertividade, é um bocadinho isso.

*[Sobre a escola e marginalização]* para que não sentisse em relação aos outros marginalizado, mas marginalizado em termos de não conseguir fazer o trabalho, porque às vezes chega a casa e diz “oh mãe, hoje não consegui fazer” e é muito normal que isso aconteça.

**[Sobre a preocupação com a aquisição das competências para o 1º Ano]** E a minha preocupação é esta. E como é que é, será que durante estes 9 meses que faltam, ou 10, ela vai ter essa evolução, se necessário, vai reunir as competências para ir para o 1º Ano?

*[Sobre o impacto negativo em caso de adiamento de inscrição no 1º Ciclo]* Como é que vai ser este miúdo se ficar no JI e sabendo que o mano está primária? “Porquê que eu não fui? Não fui porquê?” Eles não vão perceber porque que ele não vai perceber “Olha, eu não fui porque não sei fazer letras, ou eu não fui porque não tenho atenção e concentração”. Os miúdos não percebem isso, não é, e neste momento é algo que... eu com o pai, falamos todos os dias, o pai é da opinião que ele dever ir, que não que ficar na pré talvez não ajude muito, mas claro, é daquelas situações, pois se ele não tem maturidade para ir, será benéfico ele iniciar um 1º Ano? Não sei. Percebe? É um dos problemas maiores.

**[Sobre a Terapia da Fala]** tem terapia da fala, em Portimão, já tem desde os dois anos, foi pelo hospital, pela Segurança Social. (...) embora neste momento a terapeuta trabalhe mais com ele seja a parte da atenção e concentração, porque o Mateus é um menino que fala pelos cotovelos e quando eu digo que ele está na terapia da fala toda a gente me pergunta “O Mateus? Então ele não se cala, o miúdo fala, fala...” E é certo que ele fala imenso, é certo que alguns sons que ele se não os diz corretamente é por preguiça, há um som que ele não diz mas também não me preocupa, há imensos adultos que também não o dizem, é o “L”, por isso às vezes parece um bocado estranho o “lua” percebe, mas em termos de outros sons ele já os diz e se eu pedir para repetir, coisa que ele não fazia há tempos, diz na perfeição, os “r”, o que ela diz é que ainda não automatiza bem os sons e daí a preguiça dele, mas se eu pedir para repetir, ele repete na perfeição. Claro que há palavras mais longas que ele não consegue dizer, ainda agora não consegue dizer “devagarinho” diz... uma palavra assim esquisita, mas enfim, há determinadas palavras é difícil ele conseguir, e com muitas sílabas ainda é um bocado difícil. Bom, mas o que é que trabalha mais na terapia da fala? É mesmo a atenção e concentração.

*[Sobre o Mateus gostar de ir à TF]* Gosta e não gosta. Ele teve uma terapeuta durante 3 anos, lá no hospital, foi a terapeuta que iniciou com ele, entretanto terminou o contrato e ela foi embora. Resultado, o M. não percebeu porque é que ela foi embora, mesmo que eu tivesse explicado, que é mesmo assim, as pessoas trabalham, têm determinado tempo a trabalhar, mas é uma criança pequena, não consegue perceber isso. O M. é um menino que se afeiçoa muito às pessoas, é muito afetivo, é muito ternurento, e aquela terapeuta, claro que foi no fundo quem o ensinou a falar, porque foi ela, marcou-o bastante, e agora nem tanto, porque levamos quase uns 6 meses com esta terapeuta... ele agora já vai com alguma vontade, mas mesmo assim ainda me pergunta “então porquê que a Carla não está?”, mas vai e continua a ir, uma vez por semana,

*[Sobre a satisfação com a quantidade de tempo]* embora que 45 m, confesso que não chega, mas toda a ajuda é bem-vinda, nestes casos, e ele continua,

*[Sobre a continuidade da TF]* não sei se fará avaliação depois para ver se continua ou não, mas quer dizer, tudo o que está ao nosso alcance vamos tentando fazer, uma vez que temos a noção, nós pais, porque quem está de fora não tem a noção. (...) Sim, em princípio deverá continuar... eu penso.

**[Sobre a evolução do Mateus]** E falo disso, por exemplo, com os meus familiares, quando eu falo sobre estas questões do M. da terapia, do comportamento dele, etc. porque ele tem feito uma evolução muito grande. Houve uma altura em que o M. reagia muito mal ao não, não aceitava o não, foi bastante complicado, e hoje em dia falando com os familiares toda a gente diz: “Mas o M. teve uma evolução fantástica, ele está na perfeição”.

**[Sobre o atraso no desenvolvimento da fala]** Olhe, é assim, o Mateus é uma situação complicada, eu vou-lhe explicar porquê, ele quando tinha dois anos, portanto, houve, uma pediatra que achou que havia ali um desfasamento em relação ao irmão, ele é gémeo, não é que estejamos a comparar, não há comparação possível, mas o que é certo é que o Mateus em termos de falar, portanto, do andar, do comer, houve sempre um atraso enorme em relação ao outro irmão, e então, mesmo na fala, isso que mais me chamou a atenção, havia ali um desfasamento enorme e eu queria perceber o que o Mateus dizia e eu não conseguia entender, e com a mesma idade, o outro irmão era muito mais fácil, é claro que dizia papá, mamã, eu percebia o que ele queria dizer, o Mateus era complicado, ele falava os sons muito estranho, mas isto tem muito a ver com otites que o miúdo teve, ele teve otites continuadas de 15 em 15 dias, entretanto fez um exame, sobre os potenciais evocados para avaliar os estímulos, como é que reage a estímulos, e, portanto, a avaliação final foi de que o miúdo tinha problemas em, o cérebro do Mateus não descodificava a mensagem em tempo útil, portanto, havia um x tempo para ele descodificar a mensagem e não conseguia. Portanto, levava mais tempo a que conseguisse reagir ao estímulo. Foi encaminhado pela pediatra, para avaliar o que é que se passava, porque o Mateus naquela altura ainda não reagia tão bem como reagia o outro irmão, alguma coisa não estaria bem, e então fez-se esse exame, e a avaliação foi mesmo essa. O tempo que o cérebro leva a descodificar a mensagem era demasiado para a idade que o menino tinha.

**[Sobre as necessidades educativas especiais]** E o curioso, foi que, eu não sei bem precisar agora, mas é um dado que posso lhe facultar, não sei bem precisar a data, ou altura que ele tinha quando fez o exame, mas o mais curioso é que a técnica que fez o exame disse-me assim “olhe mãe, eu já fiz muitos exames a meninos deste tipo e vou-lhe dizer uma coisa, o Mateus será futuramente um menino com necessidades educativas especiais”.

*[Sobre défice de atenção e défice de concentração]* Portanto, não teria, cerca de um ano, um ano e meio, e “então porque é que diz isso?” “É a experiência que eu tenho, porque depois acompanho estes meninos, são miúdos com défice de atenção e défice de concentração”. E por sinal é o problema do Mateus. Porque eu quero fazer uma conversa

com ele, consigo durante alguns segundos, mas entretanto o Mateus extravasa para outro campo, outro domínio que não tem nada a ver com aquilo que estamos a conversar.(...) Mas, o problema do M. é muito mais profundo. Percebe? É a questão da atenção e concentração que mais me preocupa, porque é assim, o M. é um miúdo, pode falar com ele, lá está, num curto período de tempo, que ele depois não mantém o raciocínio.

**[Sobre o acompanhamento da parte do hospital]** Da parte do hospital sim, neste momento continua com a terapia da fala, lá no hospital, continua...

**[Sobre a memória do Mateus]** O M. tem algo a seu favor que eu acho que é bastante bom, que é em termos da memória, tem uma memória fantástica, ele lembra-se de coisas que já aconteceram à 1 ano, que eu já nem me lembro disso, e o nome das pessoas, tudo o que sejam situações de... às vezes mais simples, eu lembro-me tinham acontecido vários episódios na sala, a Cátia às vezes, que é educadora diz às vezes “Olhe, Tânia, estávamos a falar sobre determinado assunto, e o M. foi o único que se lembrou daquilo, eu já nem me lembrava daquilo mas ele lembrou-se imediatamente”. É um dos aspetos que realmente o M. tem de bom.

*[Sobre a memória e expectativa de sucesso]* Pode ser futuramente que isso lhe traga alguns benefícios na escola, mas para isso precisava do tal acompanhamento.

**[Sobre as competências do filho]** Ele tem às vezes determinados comentários que me surpreendem. Há dias fui buscá-lo à escola, às 3 horas, e depois, ele disse “Oh mãe, podemos ir ao campo passear um bocadinho?” Ele gosta muito da Natureza “Vamos filho, mas é assim, hoje eu não vou convosco, porque vocês têm o vosso quarto todo desarrumado, tenho de apanhar os brinquedos, arrumar o calçado e etc. E, é assim, se vocês ajudassem a mãe, eu teria mais tempo, para estar convosco” e o M. muito espontaneamente disse “pois, mãe, tu não queres que eu te ajude, ainda ontem eu te quis ajudar e tu não querias”. Isso porquê? Eu estava a arrumar a cozinha, estava a lavar a loiça, e ele queria à força, lavar a loca também, e eu disse-lhe “M. não é uma tarefa para ti filho, não vais lavar”, e ele ficou aborrecido comigo, porque eu não eu não o deixei lavar a loiça. Mas, quer dizer, ele tem momentos, em que (...) Completamente enquadrada, dentro de aquilo que estamos a falar. Lá está, há outros momentos em que estamos a falar de alhos e o M. extrapola para outro para outro assunto qualquer que não tem nada a haver “mas, porquê que ele veio falar disto agora?” Percebe? É mais nesse aspeto.

**[Sobre o encaminhamento para a IPI]** Em relação à Intervenção Precoce, ele realmente, ele fez então uma consulta, depois de todos os resultados dos potenciais evocados, etc. ele fez uma, aos 3 anos, ele fez uma consulta de desenvolvimento em Portimão também, com a Dr<sup>a</sup> da consulta de desenvolvimento, e foi assim, uma conversa não muito, muito conclusiva, mas tendo em conta as perguntas que ela foi fazendo à mãe, a mim, neste caso, tendo em conta a avaliação que ela fez ao M. ela não rotulou o M. de Asperger, mas quase, portanto, ela quis informar-me de que ele tinha alguns comportamentos de uma menino tipicamente Asperger, mas não queria dizer que fosse, quis me tranquilizar, mas pronto “Oh, mãe não se preocupe, nós temos aqui médicos no hospital que são Asperger

e muito inteligentes”, quer dizer não foi nada conclusivo. Isto porque o M. por exemplo, é capaz de se fixar muito numa cor, que é típico num Asperger, o miúdo com 3 anos, ela achava que as palavras que dizia eram demasiado evoluídas para a sua idade, quer dizer, algumas situações, em que ela supostamente achou que podia ser. Entretanto, tivemos consulta este ano, em 2014, e ela achou uma evolução enorme no M. achou que realmente em termos de linguagem estava muito melhor, não tinha nada a ver, mas claro, havia pequenas coisas que para a idade, ainda não seriam bem aceitáveis, por exemplo, ela escreveu num papel o nº 1 e perguntou-lhe “então, o que é que é isto? É um número ou é uma letra?”. Ele disse que era uma letra, quer dizer... (...) Ah, era isso, que lhe ia dizer, entretanto essa dr<sup>a</sup> da consulta de desenvolvimento, disse “Ah, mas o M.”, portanto aos 3 anos, “ele tem que ser já, tem que ser feita já uma avaliação precoce, portanto, eu vou encaminhá-lo para a Equipa de IPI de Silves, este menino tem de ser visto quanto antes”. Ok, ela preencheu lá os formulários, foi a Silves, resultado, estivemos lá cerca de algum tempo, até que ele fez os exames próprios, agora não sei precisar o nome, dos exames...

*[Sobre a avaliação realizada pela equipa de IPI e as dificuldades do filho]* houve algumas situações que a levou a supor que ainda têm um desenvolvimento abaixo do esperado, percebe? Portanto, para a idade dele tem, está a ver, ele pró ano vai para o 1º Ano... quer dizer, já devia ter capacidade para dar outro tipo de resposta. Por exemplo, em termos de motricidade fina, é talvez neste momento, um dos problemas maiores do M. Ele não consegue fazer o nome dele ainda. (...) Sim. Não consegue... Claro, nem copiar, mesmo com os pontinhos, eu por exemplo, se lhe faço os pontinhos para as letras, ele não consegue unir ponto a ponto, percebe? Vamos agora, começamos agora a fazer o “M”, o “A” ainda, um bocadinho tosco, mas quer dizer, é algo que me preocupa, neste momento, não é... Porque não consegue fazer ainda, por exemplo, a representação do real, se lhe pedir... vamos lá ver “Olha, hoje está sol, vamos lá ver, está um dia bonito, de que cor está o céu...”. Ele é capaz de pôr um céu cheio de nuvens! Está um dia bonito, um céu limpo, só sol, um céu azul, nós dizemos: “M. um céu azul”. Ele pode pôr nuvens, percebe, pode pintá-las de cinzento ou de preto. Ele na representação do real, tem muita dificuldade ainda. Mas em relação à IP, que era aquilo... (...) Umhas avaliações, exatamente. Ora bem. O que é que fizeram? Puseram-no a chutar uma bola, para ver a coordenação dele, chutou a bola na perfeição, deram-lhe uns puzzles para ele montar, foi um bocado difícil, lá está, falhava na altura, como agora, a motricidade fina, ele não conseguia fazer, punha os puzzles ao contrário, muito descoordenado. Puseram-lhe os legos, as cores primárias, azul, amarelo, vermelho e verde. Ok, M. “agora vais pôr aqui um azul, agora vais pôr um verde, agora vais pôr um amarelo, agora vais pôr dois azuis”. O M. a certa altura meteu aquilo tudo dentro do cesto. E então, acharam realmente este menino é muito desenrascado, este menino não reúne condições para acompanhamento, o que eu achei um absurdo! Porque o principal do miúdo não foi avaliado, que é a concentração e a atenção. E não o puseram a fazer um desenho qualquer, um grafismo. Percebe? Essas coisas,

*[Sobre o filho não ter critérios para apoio no SNIPI]* Não. E disseram mesmo “Olhe, este menino não reúne as condições para ser intervencionado”. É assim, eu como mãe fiquei

muito contente, ótimo, o meu filho não tem problemas, vai estar na escola como os outros meninos, é igual aos outros, e no fundo é, não tem problema nenhum, eu sou uma mãe muito feliz por isso, mas o verdadeiro da questão está lá e isso não foi trabalhado ainda, percebe? E, é daquelas questões que realmente...

*[Sobre a desistência do apoio em IPI]* (...) E agora, como eu continuo a ver esses problemas... e entretanto, já no ano passado, levei os relatórios psicológicos, o relatório da dr<sup>a</sup> da consulta de desenvolvimento, e claro, como nós vemos, nós mãe, eu, a dr<sup>a</sup> de desenvolvimento, como nós vemos que realmente há qualquer coisa no M. que ainda não está realmente superado, e não está mesmo, que é a atenção e concentração, e mesmo falando com a terapeuta, nesta última consulta com a dr<sup>a</sup> de desenvolvimento, ela encaminhou novamente para a equipa de IP. Só que, é assim, honestamente, eu não o levei a Silves, porque vão fazer a mesma coisa.

*[Sobre o porquê da desistência]* E é assim, eu sei como é que está o país, sabemos, enfim, como é que são todas estas burocracias, e não é fácil ter alguém depois a trabalhar com eles, isto trás muitos encargos, não é, e eu não levei o M. a Silves, porque

**[Sobre os direitos do filho]** Pois, é um direito que lhes assiste, não é...

*[Sobre o direito à educação]* Claro, mas a uma educação de qualidade. A educação não passa só em casa, também, eles passam a maior parte do tempo na escola, e realmente se não houver da escola esse acompanhamento, é claro que em casa, por muito ou pouco que tenhamos formação, há determinadas áreas que nos escapam, e no fundo é isso. Mesmo o M. em casa, trabalhar com o M. em casa, ele também que se habituar ao contexto de aula, de sala de aula, para que também crie regras, e que saiba... a escola é fundamental.

**[Sobre o contributo da escola para a qualidade de vida]** Sem dúvida. Eu acho que é na escola é que ele vai aprender a crescer, a enfrentar os medos, é fundamental. Acho que a escola... nem pensar, às vezes ouço pais dizendo "Ai, eu ... " vemos notícias que tem ensino personalizado em casa e que não vão à escola, acontece, eu tive uma aluna, de Monchique, foi minha aluna até ao 1º período, e depois os pais entenderam que preferiam que fosse o professor a casa e que fosse ensinar. Quer dizer, eu respeito isso, mas não sei até que ponto concordo, não é... porque é fundamental, não é, é lá que eles convivem, que crescem, que aprendem, que trocam conhecimentos, as relações interpessoais, quer dizer, em casa, é um circuito muito... é um espaço muito isolada, muito confinado, como é que a criança desenvolve essas competências? Ela não vai ficar a trabalhar sempre fechada! Ela tem que saber com o que conta lá fora, com a sociedade, não é.

*[Sobre o contributo do JI para o bem-estar]* Portanto, de que forma é que a escola pode contribuir para o bem-estar? Olhe, por exemplo, é assim (...) Pois, da minha parte, na escola, o que eu achava que seria o ideal, era que para além da educadora, para além de uma auxiliar, haver alguém responsável na área, portanto, da educação, que desse esse apoio ao Mateus, para que ele estivesse... se sentisse melhor,

**[Sobre ter qualidade de vida atual e no futuro]** Bem, eu neste momento... Para ter qualidade de vida? Ter qualidade de vida é... do ponto de vista de uma criança... por exemplo, neste aspeto o termo “apoio personalizado” será dar-lhe qualidade de vida? (...) Sim, é o que eu estava a dizer à bocadinha. Eu acho que se o M. não tiver esse apoio, não sei depois até que ponto quando ele começar a ver os resultados em relação aos outros miúdos, não sei até que ponto ele conseguir perceber eu sou diferente dos outros, mas porquê? Porquê que eu não consigo obter sucesso? É capaz de ser, traumatizante, não sei, acho frustrante para a criança, não é, não sei até que ponto ele... É assim, por exemplo, ele às vezes... a auto-estima... eu acho que é capaz de comprometer a auto-estima dele. Houve alturas do crescimento do M. que eu via que quando ele não conseguia dar resposta a determinadas respostas ou perguntas, ou estímulos, como é que eu vou explicar, sabe o que que é, a pessoa fica ansiosa, e quer responder e não consegue, e fica frustrada, percebe? Eu notava isso no miúdo. Percebe? Acho que ele não tem ainda aquela naturalidade, para pensar “Olha, eu não sei, não sei, paciência!”. Não, eu às vezes, noto que ele quer fazer, mas se não sabe, noto que há ali qualquer coisa, que o desanima, percebe? Ele teve alturas que eu, qualquer atividade que eu pedia para ele fazer, um puzzle com 5 ou 6 peças, eu notava que o miúdo queria fazer, mas não conseguia e parece que ele fiava nervoso, percebe?

*[Sobre os fatores que comprometem a qualidade de vida]* Se não houver essa tranquilidade interior da parte dele, essa auto-estima, que sinta, que se sinta bem consigo próprio, também é capaz de falar se estiver ali alguém “Mateus, tu consegues” percebe, aquele estímulo, acho que se ele não tiver isso, alguém que esteja ao lado dele a apoiar, acho que ele não tem... a qualidade de vida dele vai-se comprometer realmente, eu sinto isso, porque vejo... porque é assim, nós, claro que temos a nossa personalidade, e ela vai se formando, mas é assim, o M. vê o trabalho dos outros, e pensa, porque que os meus irmãos fazem e eu não consigo fazer? Percebe... Eu acho que isso para ele... é um bocado difícil de poder avaliar isso, mas eu acho que o miúdo fica triste, porque o que o irmão gémeo consegue fazer, os aviões que o Tomé lhe ensina, e ele não consegue, e pior ainda, é ele pedir para que lhe façam também, e receber um não. Noto isso, com os irmãos, o Tomé, o Tomé é o filho mais velho, ensina o Sérgio a fazer um avião, e o Sérgio faz logo imediatamente o avião. O M. não consegue fazer e por muito que lhe explique, ele vai pedir ao Sérgio, fica chato: “Mas, o Tomé já te ensinou isso tantas vezes”. É complicado! Nós adultos, percebemos isso, mas os miúdos não percebem, eu que estou por dentro, “o M. precisa de mais atenção” e embora eu explique isso ao Tomé, são miúdos, tem 12 anos. Não têm a paciência que nós temos que ter, ensinou, ensinou, aprendeste, aprendeste.

*[Sobre qualidade de vida no futuro]* Desejável para o M.? Para já tem de ser alguma coisa que o faça sentir bem. Não é? Mas não sei. Ele, neste momento, coitadinho, é difícil, mas é um miúdo muito sensível, a tudo, ele está sempre a dizer eu quero ser bombeiro para ajudar as pessoas, ele é um miúdo muito sensível, a natureza, o ambiente, e vê o lixo no chão e choca-se: “Então, como é que as pessoas deitam lixo no chão?!” é, nesse aspeto é muito observador e questiona-se “Mas porquê que fazem isto, porque é que põem o lixo

no chão? Não vêem que estão a estragar o ambiente?!” Quer dizer, ele tem algumas atitudes que me levam a pensar... mas esse miúdo, realmente, tem é que ser trabalhada a tenção e concentração, porque provavelmente ele não vai ter problemas no futuro e será... pode ser um miúdo com sucesso, numa área que não se qual, há miúdos que são assim, são brilhantes numa área, mas depois nas outras, falham muito, não é? E somos todos assim, não somos bons em todas as áreas. O caso do M. sei lá...

**[Sobre a felicidade]** Quando ele realiza uma tarefa fica feliz da vida, fica feliz, quando... eu então, tenho estado a trabalhar muito com ele as letras, tentar fazer o nome dele, e ele quando faz uma letra fica feliz: “Mãe, está perfeito” “Sim, M. muito giro! Está mesmo bem, filho”. Ele continua, isso é um estímulo para ele. Ele precisa muito do reforço positivo. Muito mesmo.

**[Sobre a relação com os irmãos]** Sim, ele gosta muito de estar com os irmãos...

**[Sobre a relação com os amigos]** Gosta muito, ele adora, aliás... sim, sim, sim, ele tem muitos amigos, e volta e meia ao fim de semana convido sempre um amiguinho para estar connosco, mas lá está, às vezes, isso torna-se um bocadinho complicado, sabe porquê? Porque o M. requer muito a tenção do outro. E qualquer pessoa que vá, ele tenta monopolizar, e o miúdo que vai para brincar com ele, não vai para brincar com ele, vai brincar com ele, vai com o Sérgio, porque são amigos da mesma turma, percebe? E quer dizer... Porque o M. depois acaba por querer só brincar com ele, anda sempre atrás, e às vezes noto, realmente... ele depois chora, porque o menino já está farto de brincar com ele, quer o Sérgio, ele próprio diz: “ Mas ele não quer brincar comigo, só quer brincar com o Sérgio! Só quer brincar com o Tomé”. Fica frustrado, porque lá está, ele tem essa necessidade de atenção, percebe, não quer dizer, de monopolizar, mas é um bocadinho isso. Lá está, é meu e só brinca comigo, e eu preciso que esteja a brincar comigo. Porquê? Porque ele não tem ainda aquela autonomia... e de ser capaz de brincar sozinho, ele até tem muita capacidade de liderança e leva os meninos todos atrás e acaba por liderar o grupo, mas quer dizer, ele precisa sempre ali de uma muleta, percebe, precisa sempre de um apoio, ela faz as coisas, mas precisa de alguém que esteja ali, para que se sinta bem.

**[Sobre o brincar]** Não vai brincar assim para o quarto brincar sozinho... da iniciativa dele... Não vai muito e se vai é foçado. Porque sou eu que obrigo, porque há certas alturas em que eu tenho que os separar os três, então tem que ficar o Tomé no escritório, e fica o M. no quarto e fica o Sérgio comigo na cozinha ou o contrário, tem de haver essa situação... noto que o M. fica triste, mas depois lá arranja os seus brinquedos, e dá volta e fica. Às vezes há muitas situações que tem de ser, pode não ser o mais pedagógico, mas como mãe tenho necessidade... temos que arranjar estratégias... mas noto que ele não gosta de estar sozinho, gosta sempre de companhia, onde quer que a mãe esteja, vá ele vai, ou se está o pai, ou o irmão, gosta sempre de estar com alguém.

**[Sobre a necessidade de vigilância]** Sim, sim, sim. Onde está o M.?

**[Sobre a autonomia]** Lá está, mas eu noto que já é um miúdo que vai à cave buscar os brinquedos e seleciona, e quero este e quero aquele, este é para ti Sérgio, este é para mim,

quer dizer, noto que isso tem sido trabalhado e que ele aos poucos e poucos, vai evoluindo nesse sentido. É o que estou a dizer, comparativamente com o outro não, mas se eu não tivesse o outro dizia, ele tem vindo a... tem se tornado mais autónomo. Naquelas tarefas básicas, ele tem dificuldade em vestir-se, mas se lhe puser a roupinha ele veste, calçar também se calça, embora se calce sempre ao contrário, sempre ao contrário, não percebo bem porquê, e eu digo assim: “M. os sapatos estão ao contrário, filho”. Ok, ele vai, tira e vem ao pé de mim “Mamã, já está bem?” Continua ao contrário. Mas, os calções, as calças é mais difícil, mas uns calções que não tenha fecho ou que não tenha botão, a parte da frente fica atrás e sem problema nenhum, percebe? Mas, lá está, veste-se, mas desenrasca-se, percebe, é capaz. Naquilo que ele tem facilidade, eu não preciso de ajudar o M., naquilo que ele sente que está seguro, chega casa, cadeira, frigorífico, yogurte, ele não precisa me pedir “mãe, quero um yogurte”. Ele vai buscá-lo. Não chega lá em cima, na prateleira, mas pega na cadeirinha, vai, nas tarefas em que ele esteja à vontade, vai à casa de banho, pega na escova, pasta de dentes, escova os dentes, percebe? Há determinadas coisas que já está tudo tão automatizado, ele próprio já tem essa autonomia perfeita. Há outras coisas que não, naquilo que ele não está seguro, precisa sempre do tal apoio, da tal muleta.

### FASE 3 – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA

<b>TEMA – PERCEÇÃO SOBRE INCLUSÃO E QUALIDADE DE VIDA</b>			
CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	INDICADORES	UNIDADES DE REGISTO
<b>IMPORTÂNCIA DA QV</b>	Fatores que melhoram a QV	Apoio financeiro	mas toda a ajuda é bem-vinda, nestes casos.
		Tranquilidade interior/Autoestima/Sentir-se bem consigo próprio/Auto-conceito	Se não houver essa tranquilidade interior da parte dele, essa auto-estima, que sinta, que se sinta bem consigo próprio  Desejável para o M.? Para já tem de ser alguma coisa que o faça sentir bem.
		Estimulação/ativação de capacidades	também é capaz de falar se estiver ali alguém “Mateus, tu consegues” percebe, aquele estímulo, acho que se ele não tiver isso, alguém que esteja ao lado dele a apoiar, acho que ele não tem... a qualidade de vida dele vai-se comprometer realmente, eu sinto isso.
		Sucesso na realização de tarefas	Quando ele realiza uma tarefa fica feliz da vida, fica feliz,
		Acesso a serviços sociais, de saúde/terapêuticos	tem terapia da fala, em Portimão, já tem desde os dois anos, foi pelo hospital, pela Segurança Social.
		Barreiras	Quantidade de Terapias
		Atitudinais (marginalização nos resultados educativos)	Eu acho que se o M. não tiver esse apoio, não sei depois até que ponto

		<p>quando ele começar a ver os resultados em relação aos outros miúdos, não sei até que ponto ele conseguir perceber eu sou diferente dos outros, mas porquê? Porquê que eu não consigo obter sucesso? É capaz de ser, traumatizante, não sei, acho frustrante para a criança, não é, não sei até que ponto ele... É assim, por exemplo, ele às vezes... a auto-estima... eu acho que é capaz de comprometer a auto-estima dele.</p> <p>(...) para que não sentisse em relação aos outros marginalizado, mas marginalizado em termos de não conseguir fazer o trabalho, porque às vezes chega a casa e diz “oh mãe, hoje não consegui fazer” e é muito normal que isso aconteça.</p>
	Falta de Apoio/Educação Especial	<p>e portanto esse é um problema que neste momento, me preocupa, porque na escola, cada vez mais as turmas são maiores, e então o professor não tem essa disponibilidade para estar com cada um</p>
	Políticas ineficazes/Resposta parcial/ineficaz dos sistemas educativo/social às necessidades/Burocracia	<p>E entretanto, voltamos novamente, pronto, a dar andamento às burocracias, falando com a nova educadora este ano, para que ele possa eventualmente então ter, a ver se reúne as condições para ser, para ter alguém com ele, do ensino especial.</p> <p>Ela vai para o 1º Ano, sei lá, podem estar meninos do 2º, é muito complicado, para um professor ter alunos deste tipo e sem apoio, percebe? É muito complicado.</p> <p>E no fundo, às vezes, a política da escola é um bocado essa. Infelizmente. Há professores, há uns que são, e há outros que não são. E sei que às vezes é um bocadinho percebeste, percebeste, não percebeste tivesses percebido</p>

<b>EXPETATIVA DE QV NO FUTURO</b>	Fatores de promoção QV	Envolvimento parental	<p>É um miúdo que se eu o colocar um trabalho qualquer ele manifesta muita insegurança e precisa sempre de mim e do meu apoio</p> <p>tudo o que está ao nosso alcance vamos tentando fazer, uma vez que temos a noção, nós pais, porque quem está de fora não tem a noção.</p> <p>Sim, ele gosta muito de estar com os irmãos...</p> <p>Eu estou em casa, noto que ele requer a minha presença constante, para todo o tipo de atividades. (...) porque são tipos de miúdos que precisam de um apoio personalizado. E noto realmente isso.</p> <p>é sempre preciso este apoio extra, para que ele se sinta bem, para que se sinta confortável com a atividade que ele está a realizar,</p>
	Obstáculos	Falta de resposta do Estado	E é assim, eu sei como é que está o país, sabemos, enfim, como é que são todas estas burocracias e não é fácil ter alguém depois a trabalhar com eles, isto trás muitos encargos,
		Lacunas na avaliação realizada pelos técnicos	<p>Em relação à Intervenção Precoce, ele realmente, ele fez então uma consulta (...)E então, acharam realmente este menino é muito desenrascado, este menino não reúne condições para acompanhamento, o que eu achei um absurdo!</p> <p>(...) nesta última consulta com a dr<sup>a</sup> de desenvolvimento, ela encaminhou novamente para a equipa de IPI. Só que, é assim, honestamente, eu não o levei, porque vão fazer a mesma coisa.</p>
<b>REIVINDICAÇÕES IMPORTANTES PARA A QV</b>	Igualdade e equidade	Inclusão escolar/Ensino Especial/trabalho continuado	<p>E é esse trabalho, continuado, que no fundo se espera numa escola.</p> <p>Que eles tenham sempre esse acompanhamento para que consigam acompanhar os outros, para que não se possam sentir frustrados, porque não consegui fazer o teste, não consegui fazer a resposta, não percebi a pergunta, porque são muitos miúdos e porque às vezes falam todos ao mesmo tempo, percebe? e isso, acho que é dos pontos essenciais para que a criança se sinta bem na escola.</p>

			<p>A educação não passa só em casa, também, eles passam a maior parte do tempo na escola, e realmente se não houver da escola esse acompanhamento, é claro que em casa, por muito ou pouco que tenhamos formação, há determinadas áreas que nos escapam, e no fundo é isso. Mesmo o M. em casa, trabalhar com o M. em casa, ele também que se habituar ao contexto de aula, de sala de aula, para que também crie regras, e que saiba... a escola é fundamental.</p> <p>Sem dúvida. Eu acho que é na escola é que ele vai aprender a crescer, a enfrentar os medos, é fundamental.</p> <p>Porque é fundamental, não é, é lá que eles convivem, que crescem, que aprendem, que trocam conhecimentos, as relações interpessoais... como é que a criança desenvolve essas competências? Ela não vai ficar a trabalhar sempre fechada! Ela tem que saber com o que conta lá fora, com a sociedade, não é.</p>
		Desenvolver/capacitar/ estimular a participação/envolvimento da criança	<p>Porque se não tiver esse apoio, eu acho que vai frustrar, essa é, tem sido uma das minhas preocupações, ele tem agora 5 aninhos, para o ano iniciará a primária, sim, o 1º ciclo, e acho que, conhecendo-o como eu conheço, se não tiver esse ensino, esse apoio especializado, de alguém, acho que vai ser complicado, para ele, será uma criança que, se tiver esse apoio, provavelmente, se vai desmotivar da escola,</p> <p>E a minha preocupação é esta. E como é que é, será que durante estes 9 meses que faltam, ou 10, ela vai ter essa evolução, se necessário, vai reunir as competências para ir para o 1º Ano?</p>
	Reconhecimento dos direitos e cidadania	Conhecimento e afirmação de direitos sociais (Ensino Especial)	<p>E entretanto, trouxe, falei com a educadora... entretanto já no ano passado, ele tinha que ter apoio, portanto, aqui pelo Agrupamento.</p> <p>Estivemos a semana passada a ver a avaliação em relação à CIF.</p> <p>Pois, é um direito que lhes assiste, não é...</p>
		Autonomia e autodeterminação	<p>Noto que isso tem sido trabalhado e que ele aos poucos e poucos, vai evoluindo nesse sentido.</p>
	Luta pela visibilidade	Educação de Qualidade	<p>Claro, mas a uma educação de qualidade.</p>

	e e cidadania	Favorecer as relações interpessoais	Gosta muito, ele adora, aliás... sim, sim, sim, ele tem muitos amigos, e volta e meia ao fim de semana convido sempre um amiguinho para estar conosco.
--	------------------	--	--

#### FASE 4 – GRELHAS DE CATEGORIAS E FREQUÊNCIAS PARA CADA ENTREVISTADO (E5)

Quadro 1 – Inclusão e qualidade de vida

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	INDICADORES	Fi	%	
IMPORTÂNCIA DA QV	Fatores que melhoram a QV	Apoio financeiro	1		
		Tranquilidade interior/Autoestima/Sentir-se bem consigo próprio/Autoconceito	2		
		Estimulação/ativação de capacidades	1		
		Sucesso na realização de tarefas	1		
		Acesso a serviços sociais, de saúde/terapêuticos	1		
		<b>Subtotal</b>	6		
		Barreiras à QV	Quantidade de Terapias	1	
	Atitudinais (marginalização nos resultados educativos)		2		
	Falta de Apoio/Educação Especial		1		
	Políticas ineficazes/Resposta parcial/ineficaz dos sistemas educativo/social às necessidades/Burocracia		3		
	<b>Subtotal</b>		7		
	<b>Total</b>		13		
	EXPETATIVA DE QV NO FUTURO		Fatores que aumentam a QV	Envolvimento parental	5
		<b>Subtotal</b>		5	
Fatores como obstáculos		Falta de resposta do Estado	1		
		Lacunas na avaliação do desenvolvimento realizada pelos técnicos	2		
		<b>Subtotal</b>	3		
<b>Total</b>		8			
REIVINDICAÇÕES IMPORTANTES PARA A QV	Igualdade e equidade educativa e social	Inclusão escolar/Ensino Especial/trabalho continuado	5		
		Desenvolver/capacitar/ estimular a participação/envolvimento da criança	2		
		<b>Subtotal</b>	7		
	Reconhecimento dos direitos e cidadania	Conhecimento e afirmação de direitos sociais (Ensino Especial)	3		
		Autonomia e autodeterminação	1		
		<b>Subtotal</b>	4		
	Luta pela visibilidade e cidadania	Educação de Qualidade	1		
		Favorecer as relações interpessoais	1		
		<b>Subtotal</b>	2		
	<b>Total</b>	24			

